

The Global Risks Report 2024

19th Edition

INSIGHT REPORT

Sumário Executivo

O *Relatório de Riscos Globais 2024* apresenta as conclusões da *Global Risks Perception Survey* (GRPS), que recolhe as opiniões de cerca de 1.500 especialistas mundiais. O relatório analisa os riscos globais em três horizontes temporais, tendo como objetivo apoiar os decisores no equilíbrio entre as crises atuais e as prioridades a longo prazo. O Capítulo 1 analisa, num horizonte de dois anos, os riscos atuais mais severos e os melhor posicionados pelos pesquisados, analisando detalhadamente os três riscos que subiram rapidamente para as dez primeiras posições. O Capítulo 2 foca-se nos principais riscos emergentes na próxima década, num contexto de mudanças geoestratégicas, climáticas, tecnológicas e demográficas, aprofundando quatro perspetivas de risco específicas. O relatório termina com a análise de abordagens para lidar com aspetos complexos e não lineares dos riscos globais durante este período de fragmentação global. Apresentamos de seguida as principais conclusões do relatório.

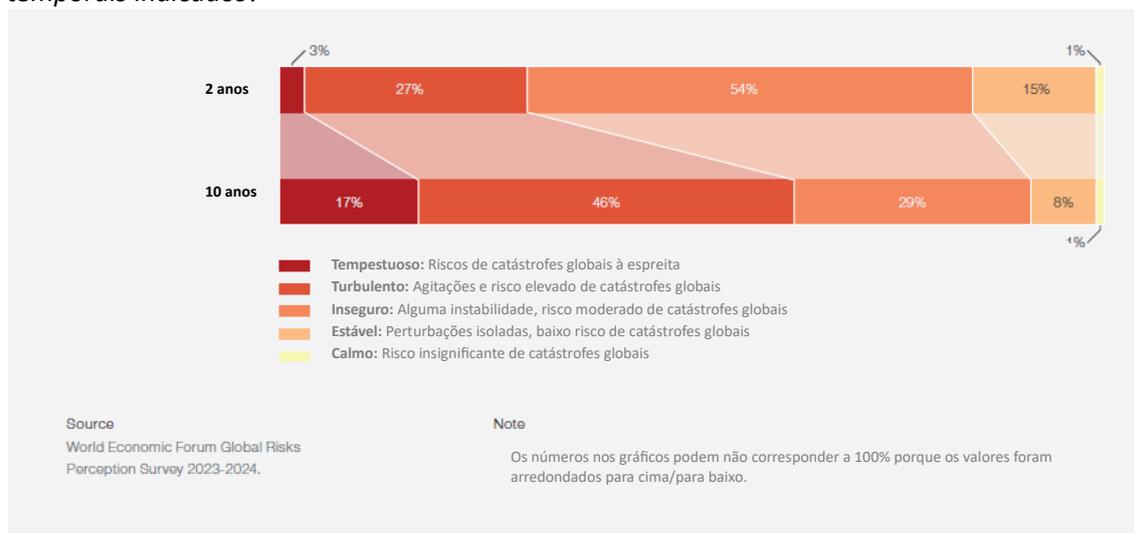
A deterioração das perspetivas mundiais

Refletindo sobre os eventos que marcaram 2023, diversos acontecimentos chamaram a atenção a nível mundial – enquanto outros receberam um escrutínio mínimo. As populações vulneráveis debateram-se com conflitos mortais, do Sudão a Gaza e Israel, em meio a temperaturas recorde, secas, incêndios florestais e inundações. O descontentamento social foi palpável em muitos países, com ciclos noticiosos dominados pela polarização, protestos violentos, motins e greves. Embora as consequências desestabilizadoras a nível mundial – como as observadas no início da guerra Rússia-Ucrânia ou na pandemia de COVID-19 – tenham sido largamente evitadas, as perspetivas a longo prazo para estes desenvolvimentos poderão provocar novos choques a nível mundial.

À medida que entramos em 2024, os resultados da GRPS 2023-2024 destacam uma perspetiva predominantemente negativa para o mundo nos próximos dois anos, que deverá piorar na próxima década (Figura A). A pesquisa realizou-se em setembro de 2023, onde a maioria dos participantes (54%) prevê alguma instabilidade e um risco moderado de catástrofes globais, enquanto outros 30% esperam condições ainda mais turbulentas. As perspetivas são significativamente mais negativas num horizonte de dez anos, com quase dois terços dos pesquisados prevendo um panorama tempestuoso ou turbulento.

Figura A: Perspetivas a curto e longo prazo

Qual das seguintes opções melhor caracteriza a sua perspetiva do mundo nos horizontes temporais indicados?



No relatório deste ano, contextualizamos a nossa análise através de quatro forças estruturais que irão moldar a materialização e a gestão dos riscos globais durante a próxima década. Trata-se de mudanças a longo prazo na disposição e relação entre quatro elementos sistêmicos do enquadramento global:

- Trajetórias relacionadas com o aquecimento global e consequências interligadas para os sistemas terrestres (alterações climáticas).
- Alterações na dimensão, crescimento e estrutura das populações a nível mundial (bifurcação demográfica).
- Vias de desenvolvimento das tecnologias de ponta (aceleração tecnológica).
- Evolução material da concentração e das fontes de poder geopolítico (mudanças geoestratégicas).

Um novo conjunto de condições globais está se formando em cada um destes domínios e estas transições serão caracterizadas pela incerteza e volatilidade. À medida que as sociedades procuram se adaptar a estas forças em mudança, a sua capacidade de preparação e de resposta aos riscos globais será afetada.

Riscos ambientais podem atingir ponto incontornável

Os riscos ambientais continuam a dominar as perspetivas de risco nos três períodos de tempo. Dois terços dos pesquisados da GRPS classificam as condições climáticas extremas enquanto

principal risco com maior probabilidade de apresentar uma crise material à escala global em 2024 (Figura B), prevendo-se que a fase de aquecimento do ciclo El Niño-Oscilação do Sul (ENSO) se intensifique e persista até maio deste ano. É também considerado o segundo risco mais severo no período de dois anos e, à semelhança das classificações do ano passado, quase todos os riscos ambientais figuram entre os dez principais a longo prazo (Figura C).

Figura B: Cenário atual dos riscos

Selecione até cinco riscos que considere mais suscetíveis de representarem uma crise material numa escala mundial em 2024

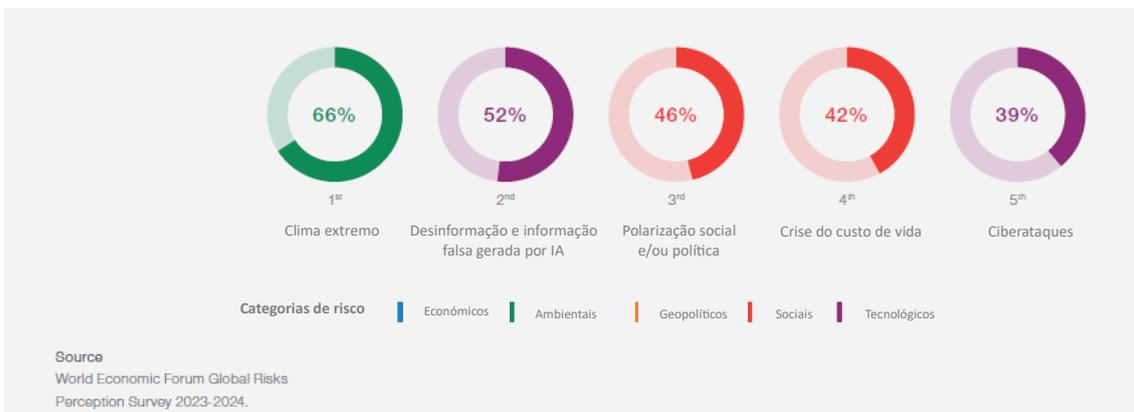


Figura C: Riscos globais classificados por severidade a curto e longo prazo

Estime o impacto provável (severidade) dos seguintes riscos num horizonte temporal de dois e dez anos.



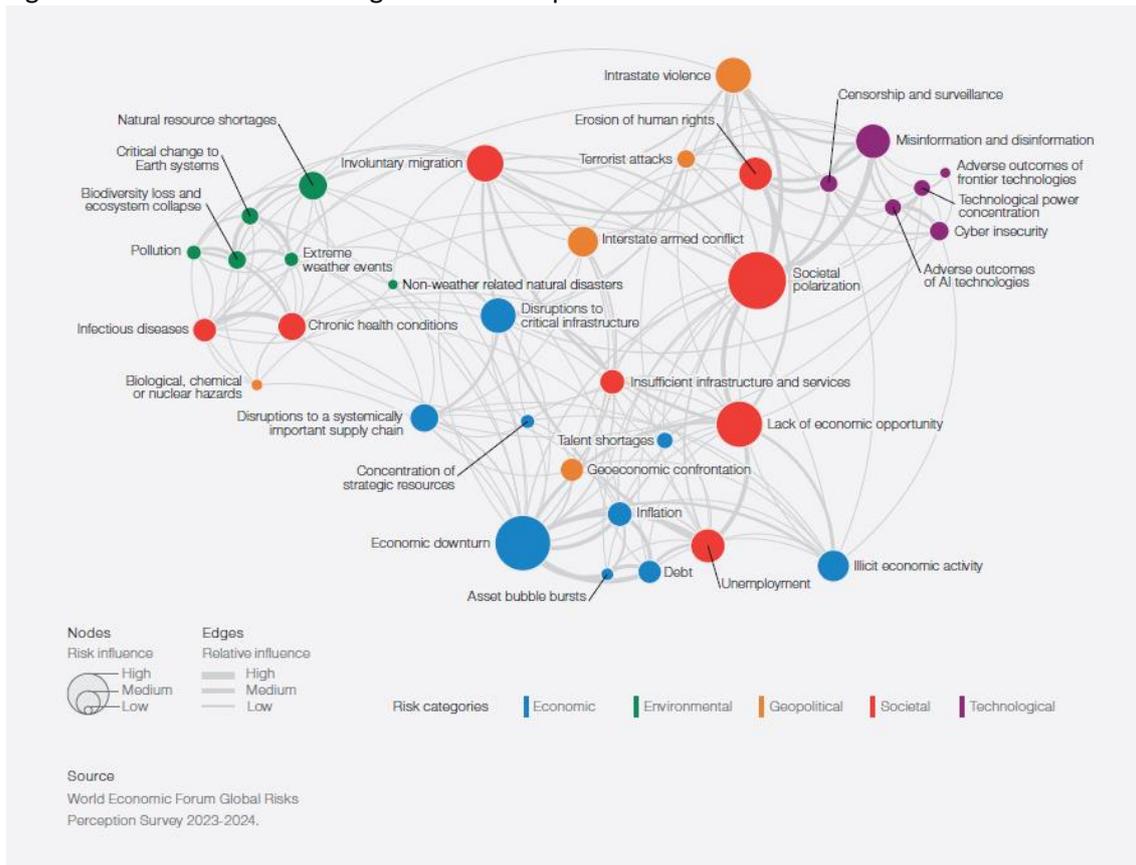
No entanto, os pesquisados da GRPS discordam quanto à urgência dos riscos ambientais, em especial a perda de biodiversidade e o colapso dos ecossistemas e as alterações críticas dos sistemas terrestres. Os mais jovens tendem a classificar estes riscos de forma muito mais elevada ao longo do período de dois anos, em comparação com os grupos etários mais avançados, com ambos os riscos figurando nas suas dez primeiras posições a curto prazo. O setor privado destaca estes riscos como principais preocupações a longo prazo, em contraste com os pesquisados da sociedade civil ou do governo que dão prioridade a estes riscos em períodos de tempo mais curtos. Esta dissonância nas percepções de urgência entre os principais decisores implica um alinhamento e uma tomada de decisões abaixo do ideal, aumentando o risco da perda de momentos importantes de intervenção, que resultariam em alterações a longo prazo nos sistemas do planeta.

O **Capítulo 2.3: Um mundo de 3°C** explora as consequências da passagem de pelo menos um “ponto de virada climática” na próxima década. Investigações recentes sugerem que o limiar para o desencadear de alterações a longo prazo, potencialmente irreversíveis e autoperpetuantes, em ecossistemas selecionados, será provavelmente ultrapassado a 1,5°C de aquecimento global, ou antes disso, o que se prevê atualmente que seja atingido no início da década de 2030. Muitas economias continuarão, em grande medida, a não estar preparadas para impactos “não lineares”: o desencadear de uma ligação de vários riscos socioambientais relacionados tem o potencial de acelerar as alterações climáticas, através da liberação de emissões de carbono, e de amplificar os impactos relacionados, ameaçando as populações vulneráveis ao clima. A capacidade coletiva de adaptação das sociedades poderá ser ultrapassada, tendo em conta a escala dos potenciais impactos e as necessidades de investimento em infraestruturas, deixando algumas comunidades e países incapazes de absorver os efeitos agudos e crônicos das rápidas alterações climáticas.

À medida que a polarização aumenta e os riscos tecnológicos não são controlados, a “verdade” fica sob pressão

A polarização social figura entre os três principais riscos nos horizontes temporais atual e de dois anos, ocupando a 9.^a posição a longo prazo. Além disso, a polarização social e a recessão econômica são vistas como sendo os riscos mais interligados – e, por consequência, mais influentes – na rede global de riscos (Figura D), como motivadores e possíveis consequências de numerosos riscos.

Figura D: Panorama dos riscos globais: um mapa de interconexões



Emergindo como o risco global mais grave previsto para os próximos dois anos, tanto os intervenientes estrangeiros como os nacionais poderão tirar partido da desinformação e da informação falsa para alargar ainda mais as divisões sociais e políticas (**Capítulo 1.3: Informação falsa**). Como se espera que cerca de três bilhões de pessoas se dirijam às urnas em várias economias – incluindo Bangladesh, Índia, Indonésia, México, Paquistão, Reino Unido e Estados Unidos – nos próximos dois anos, a utilização generalizada da desinformação e da informação falsa, bem como dos instrumentos para disseminá-la, pode comprometer a legitimidade dos governos recém-eleitos. As perturbações daí resultantes poderão ir de protestos violentos e crimes de ódio a confrontos civis e terrorismo.

Para além das eleições, é provável que as perceções da realidade também se tornem mais polarizadas, infiltrando-se no discurso público sobre questões que vão desde a saúde pública à justiça social. No entanto, à medida que a verdade é minada, o risco de propaganda interna e de censura também aumenta. Em resposta à desinformação, os governos poderão ter cada vez mais poderes para controlar a informação com base no que determinam ser “verdadeiro”. As liberdades relacionadas com a Internet, a imprensa e o acesso a fontes de informação mais

vastas, que já estão em declínio, correm o risco de se transformar numa repressão mais vasta dos fluxos de informação num conjunto mais amplo de países.

As pressões econômicas sobre as pessoas – e os países – de baixo e médio rendimento deverão aumentar

A crise do custo de vida continua a ser uma preocupação importante nas perspectivas para 2024 (Figura B). Os riscos econômicos da inflação (n.º 7) e da recessão econômica (n.º 9) são também notáveis novas entradas nas classificações dos dez principais riscos ao longo do período de dois anos (Figura C). Embora uma “aterrissagem mais suave” pareça estar prevalecendo no momento, as perspectivas a curto prazo permanecem altamente incertas. Existem diversas fontes de pressões contínuas sobre os preços do lado da oferta que se aproximam nos próximos dois anos, desde as condições do El Niño até à potencial escalada de conflitos. E se as taxas de juro se mantiverem relativamente elevadas durante mais tempo, as pequenas e médias empresas e os países altamente endividados ficarão particularmente expostos a situações de endividamento (**Capítulo 1.5: Incerteza económica**).

A incerteza econômica pesará fortemente na maioria dos mercados, mas o capital será o mais caro para os países mais vulneráveis. Os países vulneráveis às alterações climáticas ou propensos a conflitos ficarão cada vez mais excluídos das tão necessárias infraestruturas digitais e físicas, do comércio e dos investimentos verdes, bem como das oportunidades econômicas relacionadas. À medida que as capacidades de adaptação destes Estados frágeis se deterioram, os impactos sociais e ambientais conexos são amplificados.

Do mesmo modo, a convergência dos avanços tecnológicos e das dinâmicas geopolíticas criará provavelmente um novo conjunto de vencedores e perdedores, tanto nas economias avançadas como nas economias em desenvolvimento (**Capítulo 2.4: A IA no comando**). Se os incentivos comerciais e os imperativos geopolíticos, e não o interesse público, continuarem a ser os principais motores do desenvolvimento da inteligência artificial (IA) e de outras tecnologias de ponta, a lacuna digital entre os países de alto rendimento e os países de baixo rendimento conduzirá a uma grande disparidade na distribuição dos benefícios – e dos riscos – associados. Os países e as comunidades vulneráveis ficarão ainda mais para trás, isolados digitalmente das descobertas da IA com impacto na produtividade econômica, nas finanças, no clima, na educação e nos cuidados de saúde, bem como na criação de emprego.

A longo prazo, o progresso do desenvolvimento e os padrões de vida estão em risco. É provável que as tendências econômicas, ambientais e tecnológicas reforcem os desafios existentes em

matéria de mobilidade laboral e social, impedindo os indivíduos de beneficiarem de oportunidades de rendimento e de qualificação e, conseqüentemente, de melhorarem o seu status econômico (**Capítulo 2.5: Fim do desenvolvimento?**). A falta de oportunidades econômicas é um dos dez principais riscos durante o período de dois anos, mas parece ser uma preocupação menor para os decisores globais no horizonte de longo prazo, caindo para o 11.º lugar (Figura E). As elevadas taxas de rotatividade do emprego – tanto a criação como a destruição de postos de trabalho – têm o potencial de resultar em mercados de trabalho profundamente bifurcados entre e dentro das economias desenvolvidas e em desenvolvimento. Embora as vantagens destas transições econômicas em termos de produtividade não devam ser subestimadas, o crescimento das exportações baseado na indústria transformadora ou nos serviços poderá deixar de constituir a via tradicional para uma maior prosperidade dos países em desenvolvimento.

O estreitamento das vias individuais para meios de subsistência estáveis teria também impacto nos indicadores de desenvolvimento humano – da pobreza ao acesso à educação e aos cuidados de saúde. As mudanças marcantes no contrato social, à medida que a mobilidade intergeracional diminui, remodelariam radicalmente a dinâmica social e política, tanto nas economias avançadas como nas economias em desenvolvimento.

As tensões geopolíticas em ebulição, aliadas à tecnologia, conduzirão a novos riscos de segurança

Enquanto produto e fator de fragilidade dos Estados, os conflitos armados interestaduais são um novo elemento na classificação dos principais riscos no horizonte de dois anos (Figura C). À medida que a atenção das grandes potências se estende a várias frentes, o contágio de conflitos é uma preocupação fundamental (**Capítulo 1.4: Aumento dos conflitos**). Há vários conflitos “congelados” que correm o risco de aquecer a curto prazo, devido a ameaças de contágio ou à crescente fragilidade dos Estados.

Este risco torna-se ainda mais preocupante no contexto dos recentes avanços tecnológicos. Na ausência de uma colaboração concertada, é pouco provável que uma abordagem globalmente fragmentada da regulação das tecnologias de ponta impeça a disseminação das suas capacidades mais perigosas e, de fato, pode encorajar a proliferação (**Capítulo 2.4: A IA no comando**). A longo prazo, os avanços tecnológicos, incluindo a IA generativa, permitirão a uma série de intervenientes estatais e não estatais tenham acesso a uma amplitude sobre-humana

de conhecimentos para criar e desenvolver novas ferramentas de perturbação e conflito, desde o *malware* às armas biológicas.

Neste contexto, as fronteiras entre o Estado, o crime organizado, as milícias privadas e os grupos terroristas se tornarão ainda mais tênues. Um vasto conjunto de intervenientes não estatais capitalizará sobre sistemas enfraquecidos, cimentando o ciclo entre conflito, fragilidade, corrupção e crime. A atividade econômica ilícita (n.º 31) é um dos riscos menos classificados ao longo do período de dez anos, mas parece ser desencadeada por uma série de riscos de topo ao longo dos horizontes de dois e dez anos (Figura D). É provável que as dificuldades econômicas – aliadas aos avanços tecnológicos e à pressão sobre os recursos e os conflitos – empurrem mais pessoas para o crime, a militarização ou a radicalização e contribuam para a globalização do crime organizado em termos de alvos e operações (**Capítulo 2.6: Onda de crime**).

A crescente internacionalização dos conflitos por um conjunto mais alargado de potências poderá conduzir a guerras mais mortíferas e prolongadas e a crises humanitárias avassaladoras. Com vários Estados envolvidos em guerras por procuração, e talvez mesmo em guerras diretas, os incentivos para condensar o tempo de decisão através da integração da IA irão aumentar. A penetração da IA na tomada de decisões sobre conflitos – para selecionar autonomamente alvos e determinar objetivos – aumentaria significativamente o risco de uma escalada acidental ou intencional durante a próxima década.

As divisões ideológicas e geoeconômicas vão perturbar o futuro da governança

Uma divisão mais profunda no cenário internacional entre múltiplos polos de poder e entre o Norte e o Sul Global paralisaria os mecanismos de governança internacional e desviaria a atenção e os recursos das grandes potências dos riscos globais urgentes.

Questionados sobre as perspetivas políticas globais para a cooperação em matéria de riscos durante a próxima década, dois terços dos pesquisados ao GRPS consideram que iremos enfrentar uma ordem multipolar ou fragmentada, em que as potências médias e grandes disputam, estabelecem e aplicam regras e normas regionais. Durante a próxima década, à medida que aumenta a insatisfação com o domínio contínuo do Norte Global, um conjunto de Estados em evolução procurará exercer uma influência mais determinante no cenário mundial em múltiplos domínios, afirmando o seu poder em termos militares, tecnológicos e econômicos.

À medida que os Estados do Sul Global suportam o peso das alterações climáticas, os efeitos das crises da era pandêmica e as divisões geoeconômicas entre as grandes potências, o crescente

alinhamento e as alianças políticas no seio deste grupo de países historicamente díspares podem moldar cada vez mais a dinâmica da segurança, incluindo implicações para os pontos críticos de alto risco: a guerra Rússia-Ucrânia, o conflito no Oriente Médio e as tensões sobre Taiwan (**Capítulo 1.4: Aumento do conflito**). É provável que os esforços coordenados para isolar os Estados “desonestos” sejam cada vez mais inúteis, enquanto a governança internacional e os esforços de manutenção da paz que se revelaram ineficazes para “policar” os conflitos poderão ser postos de lado.

A alteração do equilíbrio de influências nos assuntos mundiais é particularmente evidente na internacionalização dos conflitos – em que as principais potências darão cada vez mais apoio e recursos para angariar aliados políticos – mas também moldará a trajetória a longo prazo e a gestão dos riscos mundiais de uma forma mais geral. Por exemplo, o acesso a conjuntos tecnológicos altamente concentrados se tornará uma componente ainda mais crítica do *soft power* das grandes potências para consolidar a sua influência. No entanto, outros países com vantagens competitivas nas cadeias de valor a montante – desde os minerais essenciais até à propriedade intelectual e ao capital de elevado valor – irão provavelmente se aproveitar destes ativos econômicos para obter acesso a tecnologias avançadas, o que conduzirá a uma nova dinâmica de poder.

Oportunidades de ação para enfrentar os riscos globais num mundo fragmentado

A cooperação será objeto de pressão neste mundo fragmentado e em constante mudança. No entanto, continuam a existir oportunidades fundamentais de ação, que podem ser tomadas a nível local ou internacional, individualmente ou em colaboração, e que podem reduzir significativamente o impacto dos riscos globais.

As estratégias localizadas que mobilizam o investimento e a regulamentação podem reduzir o impacto dos riscos inevitáveis para os quais nos podemos preparar, e tanto o setor público como o privado podem desempenhar um papel fundamental para estender estes benefícios a todos. Os empreendimentos inovadores, desenvolvidos através de esforços para dar prioridade ao futuro e concentrar-se em pesquisa e desenvolvimento, podem igualmente ajudar a tornar o mundo um lugar mais seguro. As ações coletivas de cidadãos individuais, empresas e países podem parecer insignificantes por si só, mas, quando atingem uma massa crítica, podem fazer avançar a agulha na redução do risco global. Por último, mesmo num mundo cada vez mais fragmentado, a colaboração transfronteiriça em grande escala continua a ser fundamental para os riscos que são decisivos para a segurança e a prosperidade humanas.

A próxima década dará início a um período de mudanças significativas, levando a nossa capacidade de adaptação ao limite. Durante este período, é possível conceber uma multiplicidade de futuros totalmente diferentes e, através das nossas ações para enfrentar hoje os riscos globais, é possível traçar um caminho mais positivo.

Figura E: Riscos globais classificados por severidade

Estime o impacto provável (severidade) dos seguintes riscos num horizonte temporal de dois e dez anos.

